

Atravessamentos, fronteiras, transposições

Gustavo Barcellos

Artigos



Resumo

Travessias nos atravessam. Atravessamentos são travessias. Como vivê-las e qual é sua imaginação? Na imaginação das travessias, encontramos muitas imagens, do mito ao Tarô, figuras como Cila e Caribde, o Louco e o Eremita, da linguagem à clínica, da vida à morte. O artigo explora as imagens e o impacto emocional que os atravessamentos e as travessias nos impõem, além de explorar os aspectos nos quais a linguagem nos oferece travessias numa clínica sustentada pela fala.

Palavras-chave: psicologia arquetípica, travessias, monstruosidade, mito, linguagem.

Cortando em mar profundo

Leva-nos a quilha

A um doce mundo

ilha

Mariajosé de Carvalho, “Trilogia de setembro”, 1976

Atravessamentos

Tudo nos atravessa: emoções, ideias, sentimentos, sensações, percepções, perversões, intuições, aquilo que não compreendemos ou o que levamos tempo para compreender, para acomodar, para aceitar. Tudo nos atravessa. Somos atravessados pelas demandas dos outros, da sociedade, da história, e por nossas próprias demandas, nossos desejos, nossas vontades. Somos atravessados pelos sonhos, que continuam durante o dia, ou por alguns dias, anos até, a nos encantar, a nos perturbar, a nos deslocar. Somos atravessados pela surpresa, pelo inesperado, pelos sustos. Somos atravessados pelo cotidiano, pelos compromissos, pelas tarefas. Somos atravessados pelo amor, por sua chegada ou sua partida. Somos atravessados pelo tempo, pela morte, pela doença. Somos atravessados pelos deuses. Somos atravessados.

Atravessamos pontes, fronteiras, vizinhanças, terrenos, quintais, pátios, terras, mares e ares. Atravessamos fases difíceis, territórios estrangeiros, dúvidas e incertezas, países e nações. Atravessamos

regimes políticos, mentalidades, tipos psicológicos. Há revoluções, insurgências, transformações, transições. Tupamaros perseguidos se tornam presidentes, torturados por ditaduras militares também. Atravessamos gêneros e sexualidades, do macho alfa ao boyceta, da Cinderela à Drag Queen. Atravessamos de um a outro estágio da vida, de uma fase a outra. Onde estará a continuidade? Haverá mesmo continuidade? Atravessamos o mar. Atravessamos o samba.

Somos atravessados, sempre uma atravessaria. Porosos, ficamos finalmente parecendo peneiras para nós mesmos, cheios de furos. E haverá uma vida sequer sem furos? Furamos o compromisso, furamos a bolha, furamos a data, furamos o bolo, o pneu, o sinal, até os nossos furos de reportagem, ou seja, furos na maneira como reportamos nossas vidas. Papo furado. Toda nossa narrativa biográfica, toda a história que nós contamos sobre nós mesmos, inclusive a que levamos às nossas terapias, um enorme papo todo furado. Pois há buracos em nossas narrativas, furos, e é por eles que a alma entra. Falamos então de um ego poroso. Precisamos desses buracos, esses que são sempre mais embaixo. A ciência médica chama esses buracos de doenças. A psicanálise, de psicopatologia da vida cotidiana. A psicologia junguiana, de complexos, complexidades, ou memórias, sonhos, reflexões. Não precisamos dar nomes a eles. Buracos são buracos, sabemos disso, pois os conhecemos desde o início já que há inclusive um certo número deles em nossos próprios corpos, com os quais temos que conviver, orifícios por onde entra ou sai a vida. Fase oral, fase anal, fase genital: buracos libidinosos? Há buracos por toda parte, na cidade, nas estradas, nos campos, nas montanhas, nas encostas, no espaço sideral, no mundo. Há buracos quentes, fundos, há buracos negros. Buracos de enterrar pessoas, e também sentimentos, tristezas, memórias. Buracos onde enfiar a própria cabeça – operação tapa-buracos, quantas vezes precisamos delas? Assim, temos em nós a *experiência* dos buracos, no corpo e na alma. Por eles, as coisas nos atravessam. Enchem, ou esvaziam, nossas vidas. Somos atravessados.

Balsas, pontes, túneis, aviões, trens, navios, carros, motos, bicicletas; a rosa-dos-ventos, as bússolas, o astrolábio, o GPS; o nado, a caminhada, a corrida, o pulo; o caminho, os descaminhos, a trilha; a decolagem, o voo, o pouso; desatracar, singrar, navegar, rodar, cruzar. Esses são alguns dos objetos e das ações que apresentam para nós a imaginação das travessias. Vamos tentar atravessar sua psicologia.

A travessia é o reino das extensões. Vamos de um lugar a outro. Nelas, nas travessias, somos nautas (do grego *nautes*): astronautas, cosmonautas, argonautas, internautas, espaçonautas, psiconautas. A náutica refere-se a navegação e, hoje, mais que nunca somos novamente forçados a navegar, agora num mar de informações, permanentemente conectados à internet. A internet como um fluxo que nos atravessa. Essas serão travessias?

Mas a travessia é também o reino das conexões e aqui temos, na ponte, sua melhor e mais eficaz metáfora. Será? Talvez a ponte não seja uma imagem de conexão exatamente, mas sim de junção, como argumenta Peter Bishop (1988), que escreveu um lindo estudo sobre as pontes. Desse seu estudo, destaco: “() pontes não apenas conectam, elas fundamentalmente *juntam*. A imagem da conexão é por demais linear, muito restritiva” (Bishop, 1988, p. 89). Assim, conexão e junção não são a mesma coisa. Para ele, pontes nos apresentam a fantasia do máximo de fluxo não interrompido. Fluxos juntam e, quem sabe, é isso que querem nossas travessias: fluir e juntar, ainda que tantas vezes não consigamos completar nossas travessias. Ficamos no meio do caminho. Uma separação, ou um divórcio que, necessário, não se realizou, esticando relações tóxicas, ou envelhecidas. Uma transição de carreira que não tivemos coragem, ou condições, de fazer. Quando poderemos saber se completamos inteiramente o trabalho de um luto? Uma viagem sonhada que nunca aconteceu. Uma palavra não dita, o gesto abortado. Malogros.

Travessia e mito

Na mítica grega, há muitas imagens de travessia. Elas nos ensinam muitas coisas. Para mim, a mais interessante talvez seja mesmo aquela que envolve dois estranhos seres marinhos que, depois de passarem por processos de metamorfose intensos, terão suas existências ligadas a caminhos e travessias: falo de Cila e Caribdes. Cila e Caribdes, duas ninfas aquáticas, náíades, que foram transformadas em monstros. Depois da transformação, vão ambas habitar o Estreito de Messina, que é o estreito que separa a ilha da Sicília da península itálica, e vão atuar no mar. Estreitos são faixas de água que unem massas de água muito maiores, como oceanos e mares. No Estreito de Messina, é comum produzir-se a ilusão óptica conhecida como Fata Morgana, uma miragem em alto-mar que se deve a uma inversão térmica. Nela, as imagens duplicam-se. A metamorfose de Cila se dá porque ela está fugindo da perseguição de Glauco, uma criatura aquática bem feia. O elemento água está aqui bastante presente, reparem. Cila é descoberta por Glauco, também ele metamorfoseado pelos deuses em um deus marinho. Glauco era um humano que as divindades aquáticas resolveram transformar em uma criatura do mar com uma barba verde acinzentada, braços azulados, pernas curvadas. Ele se apaixonou pela ninfa Cila que, apavorada com sua aparição, põe-se a fugir pelas águas, pelas rochas, pelas cavernas submarinas. O amor do feio Glauco era imenso e, desesperado, ele se lança em perseguição da bela ninfa, implorando aos prantos (a água de novo) que ela lhe conceda um pouco de atenção. Impermeável a suas súplicas, Cila continua em fuga, escondendo-se num lugar tão inacessível que jamais Glauco conseguiria encontrá-la. Abatido, ele acha que perdeu a ninfa que está perseguindo e vai dar na ilha de Ea, a ilha onde vive Circe, a maior feiticeira da mitologia grega, a bruxa, aquela que conhece a magia,

presente em diversos mitos. Glauco pede a ela uma intervenção mágica para que Cila se encante por ele. Mas algo surpreendente acontece: Circe acaba ela mesma se encantando por Glauco, declara seu amor, sua paixão, e agora é ele que não a quer e foge dela. Ele perseguia uma ninfa que fugia dele, agora é ele que foge de Circe, que o persegue por amor. *Às vezes, as travessias são perseguições*. Mas ela, em vez de se vingar de Glauco, transformando-o em alguma outra coisa, resolve vingar-se de Cila, que é a rival. Ela prepara suas poções mágicas com ervas e as deixa onde Cila gosta de se banhar, numa fonte, e então envenena essa fonte. Cila, que era uma belíssima ninfa, acaba sendo metamorfoseada num monstro, de quem agora Glauco terá repulsa. O aterrorizante monstro marinho em que Cila se transformou tinha o rosto de uma bela mulher. O mais cruel é que o rosto permaneceu o mesmo, de uma beleza notável, mas em volta da cintura possuía seis cabeças de serpente com três fileiras de dentes e ainda um círculo, que sai dela, de doze cães ladradores. Os cães a alertavam quando um navio passava pelo estreito, um estreito onde acontecem muitas cenas mitológicas. Muitos heróis, em suas travessias, têm de passar por ali, a passagem pelo Estreito de Messina. Entre eles, o mais famoso talvez seja Ulisses, que está em sua viagem de regresso à Ítaca, e tem de passar por esse estreito. Uma travessia peculiar, de volta para a casa. *Muitas travessias são de volta para a casa*. Ulisses é o arquétipo do viajante. As travessias mais significativas passam por ali, por Messina. *Muitas vezes, as travessias são portanto passagens, são passageiras*. Ulisses perde a maioria de seus companheiros nesse estreito, perde todos os seus navios, fica praticamente sozinho, e consegue passar. Talvez isso fale do herói, deste herói que quer ir embora para casa, dos poucos que conseguem atravessar o estreito entre Cila e Caribdes. Ulisses escapa de Caribdes e é atacado por Cila. Escapa de ambas.

Nesse estreito, temos, assim, de um lado esse monstro, Cila, colocado ali, que devora marinheiros, destrói navios, criaturas, um monstro predador de tudo aquilo que por ali atravesse. Apresenta o perigo das travessias, o perigo de sermos tragados por nossas travessias, de desaparecermos nelas. *Muitas vezes, as travessias nos engolem*. E, do outro lado, temos Caribdes, outro monstro, que também era uma ninfa transformada. Todos conhecem a história, mas há detalhes interessantes: enquanto Caribdes tinha uma existência de ninfa, era particularmente conhecida como uma ninfa voraz, tinha muita fome, muita voracidade. Fome sem fundo. Ela é transformada por Zeus, fulminada por um raio e lançada às profundezas do mar, onde se transformou em um monstro marinho: sua epifania será então um redemoinho. Sua voracidade é transformada num monstro que é um redemoinho no Estreito de Messina. Ou seja, quando os navios passam, ela assume a forma de um redemoinho e os vai engolindo a todos.

É porque gostaria de dividir com vocês a questão em torno da ideia de monstruosidade e travessias que trouxe essas duas criaturas tão desagradáveis. Monstros estão presentes em várias mitologias.

Também na alquimia, o *monstrum* de uma conjunção mal realizada. Estão também presentes na psicologia junguiana. Os monstros são criaturas importantes na medida em que precisamos deles para nos devolver à humanidade. O que chama primeiramente a atenção é que a grande maioria dos monstros da mitologia clássica são mulheres, são monstros femininos. Há vários monstros masculinos, é verdade, mas grande parte da imaginação monstruosa grega é feminina: Quimera, Lâmia, Medusa, Harpias, Górgonas, Esfinge, Medéia (de certa forma) e, aqui, Cila e Caribdes.

A história de Cila e Caribdes no Estreito de Messina gerou uma expressão conhecida: refere-se a uma situação em que se está “entre Cila e Caribdes”. Ou seja, é uma expressão de caráter filosófico para contar sobre uma situação na qual estamos entre uma coisa negativa e outra, entre um mal e outro. Jung a utiliza algumas vezes. É uma metáfora potente sobre travessias, atravessamentos, sobre estreitos, estreitamentos, momentos da vida em que temos que atravessar por caminhos apertados, afunilados e perigosos, difíceis, quando temos que fazer grandes transformações e nos sentimos restringidos, pressionados, sem poder de escolha, limitados. Podemos ser destruídos tanto de um lado quanto de outro, quer seja por Cila ou por Caribdes.

Agora, sobre os monstros, sobre monstruosidades:

O *monstrum* é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante.

Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção.

Uma categoria mista, o monstro resiste a qualquer classificação construída com base em uma hierarquia ou em uma oposição meramente binária, exigindo, em vez disso, um “sistema” que permita a polifonia, a reação mista (diferença na mesmidade, repulsão na atração) e a resistência à integração — que permita... “um jogo mais profundo de diferenças, um polimorfismo não-binário na ‘base’ da natureza humana.”¹

Estes são trechos de J. J. Cohen, que estão em seu livro *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras* (Cohen, 2000). Precisamos dos monstros. O monstro mostra, revela alguma coisa, e é assim aquele que adverte. Defende – ou desmonta – a fronteira entre o humano e o não humano.

¹ J. J. Cohen, *Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*, tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 23-60. Jeffrey Jerome Cohen é professor de Língua Inglesa e diretor do Programa em Ciências Humanas da George Washington University. Tem publicado artigos sobre teoria do gênero e sobre a construção cultural da monstruosidade. Seu livro mais recente é *Sex, monsters and the Middle Ages*.

Falo aqui de monstruosidades porque, para mim, elas nos apresentam uma imagem extrema de travessia. O monstro não é deformado, ao contrário, é multiformado. Fala em polifonia, fala de sairmos de um regime binário, normal-anormal, formado-deformado. O monstro faz com deixemos um regime binário de pensamento, formação-deformação. Já é uma travessia. Com eles, os monstros, questionamos binarismos. Aqui, os monstros nos ajudam. Binarismos podem muito facilmente se tornar oposicionalismos, pensar apenas em termos de opostos: cheio e vazio, dentro e fora, conexão e solidão, acima e abaixo, sujeito e objeto, comunidade e individualidade, fixo e móvel, feminino e masculino, fantasia e realidade. Pares de opostos polares assombram a psicologia junguiana, que está toda montada em polaridades, mas vão além disso: o oposicionalismo é “uma moldura ideológica imposta à vida por nossas mentes e é geralmente inconsciente.” (Hillman, 2013, p. 118). Para enxergarmos as coisas do ponto de vista da alma, devemos “superar o quadro mental que o dualismo nos impõe,” como sugere, em seu notável *O pensamento-paisagem* (2008), o geógrafo e orientalista Augustin Berque (2023) ao falar de “mediância”, ou num *corpo medial*, ou seja, o campo intermediário e multiplicado entre um indivíduo e seu meio. Oposições separam. Logo nos vemos envolvidos em “transcender” os opostos, e com enantiodromia, compensação, equilíbrio, balanceamento, todas metas espirituais. Não é o modo com que a alma faz distinções. Não é psicológico. A alma vê e aprofunda cada coisa nela mesma, sem precisar de pares, oposições, apenas de analogias, semelhanças. A alma conecta o tempo todo.

•

No Tarô, a travessia traz, a meu ver, duas imagens bem interessantes, do Louco e do Eremita, as cartas 0 e 9 no baralho. Andarilhos, eles apresentam o modo caminhante de atravessarmos o mundo. O Eremita representa o sábio que resolveu viver longe da sociedade, buscando conhecer a si mesmo e o mundo através do silêncio e da contemplação interna, e da caminhada solitária. Ou seja, a viagem interior. Nesta concepção – contemplação interna, sabedoria que vem do interior –, trata-se, para usarmos os termos de Fernando Pessoa, da dedicação à paisagem interior.² Outro ponto diz: o Eremita,

² O trecho está num livro de Fernando Pessoa, ele mesmo, chamado *Cancioneiro*, em que ele menciona essa duplicidade da paisagem interior e da paisagem exterior:

“1 - Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência de um estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento de nossa percepção.

2 - Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria de nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito.”

(Pessoa, 2001, p. 101.)

o Arcano 9, é uma carta que simboliza o isolamento, a restrição, o afastamento. O Eremita isola-se para descobrir o conhecimento que o rodeia. Na psicologia junguiana do processo de individuação, a ênfase recai exatamente sobre isso: isolamento, retiro, um olhar para si mesmo, uma mirada intrassubjetiva, a ocupação com a sua paisagem interior, meditação, análise dos sonhos, escrutínio das emoções, num processo que é normalmente compreendido como isolado, voltado para si mesmo. Vejo nisso algumas características desta carta, embora haja ainda outra, não exatamente definição, mas referência ao processo de individuação bem mais interessante. Em 1932, Jung deu uma série de conferências sobre a psicologia da kundalini yoga, onde encontro esta frase: “a individuação é o tornar-se aquilo que não é o ego, aquilo que você não é, você se sente como se fosse um estranho.” (Jung, 1999, p. 39). Esta me parece já uma outra maneira de compreender aquilo de que estamos falando: tornar-se aquilo que não é o que conheço de mim, mas o outro dentro de mim, apontando, de alguma forma, para a ambiguidade fundamental, o estranho dentro de mim, aquilo que não sou. Aqui, o próprio Jung está de alguma maneira se contradizendo e, felizmente, porque as contradições são bem-vindas nesse tipo de pensamento: por um lado, há essa ideia de que a individuação é o tornar-se aquilo que se é, ou seja, a definição, digamos, mais *standard*, como um *processo de cuidado de si*; por outro, ele está sugerindo que o importante seja “tornar-se aquilo que você não é”, um *processo de saída de si*.

A carta do Louco, por outro lado, é uma carta não numerada, a carta zero, digamos assim, tanto o começo quanto o fim. Louco e Eremita: os dois são andarilhos, os dois carregam consigo um bastão de caminhada. Um é jovem, outro é velho. Esse contraste, que diz que essas duas cartas teriam bastante a ver uma com a outra, faz-me ousar pensar que seriam, por assim dizer, dois momentos de um mesmo arquétipo. Então, temos o Eremita e o Louco, o velho e o jovem. Ora, na psicologia arquetípica, trata-se de um arquétipo ao qual nos referimos normalmente como *senex et puer*, que é, por assim dizer, um drama com o qual estamos envolvidos na vida o tempo todo: o que é novo em nós, o que é velho em nós? O que precisa permanecer, o que precisa ser ultrapassado? Como prestar atenção e cuidar de nossos processos de renovação? Como reconhecê-los? E todos os desafios de fazer com que “novo” e “velho” se harmonizem diante de tanta disputa que pode haver entre eles dentro de nós. Em nossa cultura, há uma relação bastante conflituosa entre tudo aquilo que quer nascer, que é novo, que aponta para uma renovação (o MAKE IT NEW poundiano), e aquilo que é velho, que é estabelecido, que é sábio, permanente, tradicional ou ultrapassado. Veja-se, por exemplo, como James Hillman, meu autor de referência dentro do campo junguiano, refere-se a essa energia *puer*:

O puer aeternus é aquela estrutura de consciência e padrão de comportamento que... é compelido por um feticismo a investigar, buscar, viajar, caçar, pesquisar e transgredir todos os limites. (...) É espírito incansável que não tem “lar” na terra, está sempre vindo de algum lugar ou indo para algum lugar, em trânsito. (Hillman, 1998, p. 196)

Essa é a imagem que temos do andarilho, um transeunte. Combina com o Louco do Tarô. O Eremita é um andarilho também. Ambos estão em travessia. Mas veja a leveza com que se apresenta a imagem do Louco, até há certa alegria olhando para cima. O Louco olha para cima, o Eremita olha para baixo. O Eremita já tem um lugar na terra. O Louco, como diz Hillman, não tem um lugar na terra, está olhando para o céu. Pertence ao céu, aos altos ideais. É um olhar ascendente, enquanto que o Eremita tem um olhar descendente. Dois estilos de travessia.

A meta final da noção de individuação é apresentada com frequência no imaginário *senex*, ou seja, isolamento, união, pedras, sistemas cósmicos, diagramas geométricos, especialmente a mandala estruturada, os cristais e o homem velho sábio. “Até mesmo ‘totalidade através da integração’, que é uma das definições também de individuação, pode refletir Saturno que comeu todos os outros Deuses engolindo os seus filhos.” (Hillman, 1998, p. 258). Com a carta do Eremita, estamos diante de uma noção de cuidado de si talvez um pouco menos poética, evidentemente mais pesada, que enfatiza esses aspectos todos que estou salientando: introspecção, introversão, isolamento, trabalho quase que exclusivamente na paisagem interior. O Eremita é a prosa. A poesia chega com o Louco.

Travessia e linguagem

Em nossas travessias, há também a via das dúvidas. Essa é interessante. Põe-nos inquisitivos, longe das certezas que sempre nos fixam, nos agarram, impedindo-nos de ir adiante, de ir embora, navegar, perscrutar, inquirir, mover. As certezas nos têm, não somos nós que as temos. Por via das dúvidas, podemos derrubar as certezas mais perigosas, chegando a lugares incertos, ou não, desconhecidos, novos, desafiadores. Por via das dúvidas, vamos mais longe, consideramos outros pontos de vista. A dúvida amplia o olhar. É porque duvidamos que nos aprofundamos na compreensão de algo. Para isso, contudo, é preciso sermos sinceros com a dúvida, ou seja, não confundi-la com ignorância ou disfarçá-la como vergonha. A dúvida é viva, ninguém duvide. A dúvida nos amolece por dentro, e é aí que podemos transitar melhor. Atravessar melhor, embora não seja assim que duvidar nos pareça a princípio. A dúvida nos liberta das certezas, tantas vezes tão aprisionantes. Certezas aprisionam, ou talvez, podemos especular, nem mesmo existam, pelo menos de modo definitivo, imóvel. Por isso que dizemos, lembrando um certo

sábio chinês, que realmente a única certeza que temos na vida é: para uma xícara de arroz, duas de água.

•

Êxodos e diásporas. Cruzamentos e encruzilhadas. Sete são os mares. A vida é uma viagem, não deveria ser tão breve. A travessia neste mundo é curta, veloz. Uns dizem que estamos voltando para casa. O regresso ao lar é uma espécie particular de travessia: o caminho de volta, para nós mesmos ou para um ideal – um *topos* paradigmático na literatura e um arquétipo poderoso na vida. Assim, a mais definidora de todas as travessias é, sem dúvida, a última, que fazemos, dizem, numa embarcação, aquela cruzando um rio brumoso, num barco conduzido por timoneiro de reconhecido talento e ampla fama, Caronte, meio velhote meio monstro, em direção à morte, rumo ao mundo das trevas, o outro lado da vida, viagem sem volta. A nau dos insensatos? Não, essa é outra.

Contudo, a imagem mais deslumbrante de travessia que temos em nossa psicologia arquetípica é a do Cavaleiro Errante. Com ele, James Hillman arremata seu testemunho magistral sobre os caminhos da alma, o livro *Re-vendo a psicologia* (1975). O Cavaleiro Errante leva-nos a compreender que a alma está sempre caminhando, sempre em travessia, errática, errando. Ele é o espelho da psique, a alma errante. Lembremos que a Necessidade (*ananké*) era chamada de Causa Errante. Noções mais antigas encaram a alma como um andarilho errante, sempre na estrada, sempre vagueando, seguindo a fantasia. Como na canção: “Sou errada, sou errante/Sempre na estrada, sempre distante/Vou errando enquanto o tempo me deixar.”³

•

Agora, para terminar, o advérbio *através*. Nessa reflexão, não podemos escapar dele, ele é incontornável. Seu léxico diz: “por meio de”, “mediante”, “por intermédio ou intervenção de”. Tudo a ver com atravessamentos, fronteiras, transposições. Aqui devo chamar James Hillman novamente, esse grande atravessador de noções e mentalidades, ideias e atitudes, pois ele nos ensina uma lição vigorosa sobre atravessamentos, sobre travessias, exatamente em sua sugestão de que é a alma que, além de nos atravessar, atravessa tudo e todos, querendo enxergar sempre mais e mais fundo, naquilo que aparece, nessa reflexão, como a atividade específica, básica e original da alma: enxergar *através*, *seeing through*. Ao compreendermos que é por meio da alma que os eventos se tornam experiências, entende-se que é “o olho faminto da psique que deseja ver através” (Hillman, 2010, p. 269) de tudo e todos que dissolve a casca dura dos eventos para chegar no miolo mole das fantasias que sustentam os eventos. Nesse movimento, nesse mover-se, também chamado de *psicologizar*, faz alma, aprofunda. “Enxergar através” nos fala da alma sempre em travessia.

³ Canção de Paula Toller e George Israel, “Nada sei”, com a Banda Kid Abelha, lançada em 2002.

E por falar em através, a psicologia que fazemos é por meio de metáforas, atravessamos os acontecimentos através delas em busca dos aprofundamentos e das aproximações, pois metáforas são nossos “meios de transporte”, e as próprias vias que atravessamos na alma. Metáfora: caminho para frente e para trás. De um lado para outro. Fluxo e refluxo. “Transferência”, lembra-nos Alfredo Bosi, é a “palavra que traduz literalmente o grego *metaphorà*” (Bosi, 2000, p. 303) – ou seja, travessia, e por que não? Metáforas nos atravessam e nos fazem atravessar. Enxergar através se dá por metáforas. A metáfora é um mito condensado, como ensinou Vico, uma fábula abreviada, e deve ser entendida “menos semanticamente como uma figura de linguagem, e mais ontologicamente como um modo de ser. (...) Metáforas são mais que um modo de falar; são modos de perceber, sentir e existir” (Hillman, 2010, p. 303). Por meio delas então viajamos.

Penso que nós, psicanalistas, deveríamos ser sempre amantes das palavras, que guardam para nós as metáforas. O amor pela alma significa amor pelas palavras, que a apresentam, ou melhor, que a atravessam. O amor pelas palavras está naturalmente colocado numa atividade que, já de início, definiu-se como a “cura pela fala”, algo a princípio muito estranho no universo do cuidado: curar falando? Sem remédio, sem substâncias, sem toque, sem corte? Que as palavras têm força extraordinária e poder misterioso já o sabem há muito tempo as Religiões e as tradições místico-espirituais de vários povos, que dirá a Política e o Direito. Pois a palavra toca o corpo, toca os sintomas. A palavra faz corpo, faz sintoma. Foi isso que a psicanálise percebeu, ou redescobriu para o campo do cuidado: a palavra cura o corpo, cura os sintomas. *A alma é coisa obscura até ser dita*. Do silêncio para a palavra, há uma travessia que nos define como humanos. Sabemos que no discurso algo já está em curso, já está se movendo. O nosso *gira-mundi* é um gira-palavra. Para lembrar, num único verso, tudo o que me ensinou sobre as palavras minha amiga Neide Archanjo, uma das mais inspiradas vozes poéticas que nosso país já teve, cito:

porque sendo água por fora

as palavras são mares por dentro

(Archanjo, 1984, p. 36)

Os linguistas definem a *etimologia* como “o estudo da origem das palavras.” Nós, analistas, a compreendemos como a observação, na palavra, de seu inconsciente. Deixei a etimologia para o final, ao contrário do que fazemos normalmente ao começarmos por ela. Ela é tantas vezes o nosso abre-caminhos nas travessias e travessuras da linguagem. A etimologia ajuda a “abrir a metáfora”, pois é preciso fazer com que ela reverbere. Sem reverberação, é apenas uma figura de linguagem. Atravessar, *travers*, travessia, travessão. “Tra-ves-sia”: ato de atravessar, de se deslocar de um ponto a outro. A palavra “travessia” origina-se do latim, do radical *trans*, de “através, o que cruza”, e *versus*, de “virar, fazer dar volta”. É, sem dúvida, apesar de desgastada, uma grande metáfora.

Então metáforas nos tornam móveis. Metáforas nos atravessam, nos fazem virar as percepções, cruzar dando a volta *por baixo*. Fazem-nos atravessar de um lugar a outro, de uma a outra situação. Fazem nosso mundo girar, gira mundo. Nesse girar, aparecem as compreensões. Então, temos nossas vidas “atravessantes”, e nós, travessos, inquietos, em travessia. Afinal, estamos todos aqui... de passagem, não?

Pedra Grande

Julho/2024

Referências Bibliográficas

- ARCHANJO, N. **As marinhas**, Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- BERQUE, A. **O pensamento-paisagem**. Tradução de Vladimir Bartalini e Camila Gomes Sant’Anna. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.
- BISHOP, P. The soul of the bridge. *In*: Cobb, N. (ed.). **SPHINX 1: a journal for archetypal psychology and the arts**. London: The London Convivium for Archetypal Studies, 1988. p. 89-114.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COHEN, J. J. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HILLMAN, J. **O livro do puer**. Tradução de Gustavo Barcellos. São Paulo: Paulus Editora, 1998.
- HILLMAN, J. **Re-vento a psicologia**. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis: Editora Vozes: 2010.
- HILLMAN, J. **O sonho e o mundo das trevas**. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. **The psychology of Kundalini Yoga: notes of the seminar given in 1932**. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

Gustavo Barcellos é escritor e psicólogo, analista didata da Associação Junguiana do Brasil e membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Membro fundador do Instituto Mantiqueira de Psicologia Arquetípica-IMPAP. Autor de *O irmão: psicologia do arquétipo fraterno*, *Psique & Imagem*, *O banquete de psique: imaginação, cultura e psicologia da alimentação*, *Mitologias Arquetípicas* e *Zeus: fabulação do mundo e paternidade arquetípica*, todos pela Editora Vozes. Conferencista com trabalhos apresentados no Brasil e no exterior, coordena seminários de psicologia arquetípica desde 1985 e é o tradutor de vários títulos de James Hillman, analista pós-junguiano e iniciador da psicologia arquetípica. Trabalha há mais de 35 anos como analista em São Paulo.

Email: gbarcellos@uol.com.br